MARGÍLIA

Mar, magia, marília, marginal

Essas cartas foram escritas
na tentativa da autora em
autoseduzir-se.
Parece surtir efeito.

EMILY BANDEIRA

20 DE MARÇO

Te inauguro.

Hoje acordei às 6:30 da manhã, pensando em você. Aliás, nem tão pensando mas sentindo com todo o corpo como quem acorda de sonho.

Admito quase me preocupar de tanto te sentir. Mas sei que a entrega é necessária. Resolvi pedir ajuda a Iemanjá pra ter coragem de te colocar em meus poemas.

Resolvi pedir ajuda pro mar pra te despir em minhas prosas. Menina, te apaixono e te quero mas te aprochego aos poucos. Me aprochego aos poucos pra depois poder devorar-te com todas as bocas e olhos, por dentro e por fora (não vai ter fora nem dentro, vai ser pura natureza).

Mas é isso, sabemos que ainda aprendo a deliciar-me de criar novas

possibilidades. Sou tanta coisa incrível, você é todas essas delícias que me amedrontam, como que a gente se travou sem querer justamente aqui? Justamente aqui onde a gente sabe ter de se esparramar. Ser alma carnívora. Realmente degustar a antropofagia.

Menina, talvez meu medo seja de te assustar. Eu já sei que por dentro não cabe susto, cabe disciplina árdua de amor. E por ela mesmo que vou te arranjar os versos apropriados.
Vou te fazer suspirar por mim.

Vai dar certo.

20 DE MARÇO

Sua aura é azul olíbano

Me disseram que lá nos desertos africanos onde o sol castiga as plantas (sob a condição de que as plantas mesmas adoram se castigar de luz), crescem pés de olíbano.

E o sol é tão quente e o olíbano é tão perfumado que os óleos e terpenos se aquecem e refletem quase como uma aura azul. É isso que me contaram. Que existem árvores com qualidades aromáticas tão poderosas que se convertem em cor. Em aura azul. A luz vem do sol, se acolhe na planta, vira folha, textura, cheiro, volta então a nossos olhos como azul.

Passei a manhã embriagada em tua aura azul. Entre você e as árvores de olíbano algum paralelo se traça. Pode ser coisa de aroma que vira cor. Cor do seu sorriso que vira cheiro em memória.

Ou coisa do azul embaixo de teus olhos que me prende como aura.

Pode ser coisa de querer você azul demais. Coisa de querer você mar. Querer te amar oceana.

Pode sim. Pode ser tudo loucura de minha cabeça. Mas como mais falar contigo se não for na poesia marítima? Quero te mandar a real de meus sentimentos. Sou azul clara ainda. Você ondula cintilante em meu céu. Tenho conseguido me aproximar com todo esse papo? Você abre só um pouquinho da porta pra mim? Ou me deixa te beijar devagar ainda que tímida?

Comprei um vinho branco pra nós. Vou te banhar de flores e te ninar, gole a gole dessa tarde. Só não vou te despir porque isso é tarefa sua. Eu mesma já estou nua.

22 DE MARÇO

Manhã

Ai, invejo essa tua vontade tão grande de acordar — mesmo que você só tenha dormido duas horas. Como ainda assim atravessas o véu do sono, te iluminas de sol, despertas e fazes um café.

E de teu café, claro que não se discute. Temperos e aromas sobrevoam nossa cama. Teu café escuro como a noite e radiante como o sol. Tu, sim, sabes acordar-me — mesmo que eu só tenha dormido duas horas. Ainda assim acordo com um sorriso no rosto, porque tem você, sereia, segurando um copo de café, bicicletando minha cabeça cedo da manhã.

Queria saber qual música te alimenta quando sais por aí de bicicleta… Qual música entra por teus fones de ouvido? Seja Gal, Gil ou Caetano, me irrito com todos.

Tremenda ousadia minha, quisera ser a única a te sussurrar bom dia.

Queria acordar, daquele jeito, teu cheiro no travesseiro. Queria acordar, abrir os olhos e te ver sonhando dourada. Te atravessar em meus braços, te acordar com beijos soltos, na manhã te embalar…

Mas você sempre ri de mim. Enquanto acordo de sonho, de cara amassada, você já está desperta, de banho tomado. Me encarando com um sorriso no rosto — se ao menos você acordasse de mal humor pra eu te acalmar…

Mas parece que você e a manhã já acordam se amando. Vocês duas se esticam rumo ao dia, subindo junto ao sol. Me deixa ser amante em vocês duas? Me deixa profanar essa relação? Só um pouco, sereia, como quem profana o sol.

Me deixa te acordar, muito mais bagunçada. Me deixa te passar um café. Mesmo que da tua cozinha e alquimia ainda não saiba nada… Ou como, logo cedo, espalhas músicas pela casa…

Dorme mais dessa vez. Deixa eu chegar e te despertar. Com sussurros e bom dias te pertubar. Meu sonho é simples. Me deixa te acordar com cafuné, todas tuas pétalas; despetá-las.

A luz da manhã, deixa eu te entregá-la.

23 DE MARÇO

Travesseiros de meus braços...

Ei, moça, o que aconteceu que te vi acometida por essa melancolia? O dia tá tão bonito, passarinho cantando, amora brotando em galho e ainda assim te vi quase chorar enquanto passavas de bicicleta. Vi sua impaciência ao escolher uma roupa pra sair. Vi seu rosto confuso diante das tarefas do dia. Vi suas mãos falharem diante do papel. E te vi respirar melhor na hora que a chuva caiu. Você queria molhar todos os seres e toda a terra com sua inquietação.

Eu sei que tua angústia se constrói em lugar que palavra não habita. E por isso não te cobro conversa, não cobro causalidade e nem lógica de sentimentos. Você não precisa se explicar, eu não preciso compreender. Eu só preciso te dar meus braços, caso você os queira de travesseiro.
E você, sereia, só precisa se deixar

habitar por essa melancolia sem se machucar. Não deixa ela vir como reflexo do fora. Não deixa ela vir com rostos, nem momentos, nem memórias, nem expectativas, nem futurologias. Deixa a melancolia te habitar sim, mas também a habite como a lua habita o lado oculto.

Não vou te dizer pra não ficar triste. Mas vou te dizer que nos amo. E vou te dizer que tudo bem fugir dessa sexta-feira. E vou te dizer, mesmo que isso não resolva teu sorriso agora, que tens esse lugar nosso, sempre. Você sabe se acolher, você é um mulherão, se cuida bem. Mas do lado de cá me disponho a te lembrar qualquer coisa que você precise ser lembrada.

Será essa a razão da melancolia urgente dessa sexta-feira? Você esqueceu de algo? Tenho a impressão de que sua mente não te deixaria esquecer do importante. Mas se precisares lembrar

com o corpo, vem, te ajudo. E isso nem envolve meu corpo com o teu. Isso envolve você inteira consigo mesma e eu aqui, se puder ajudar.

24 DE MARÇO

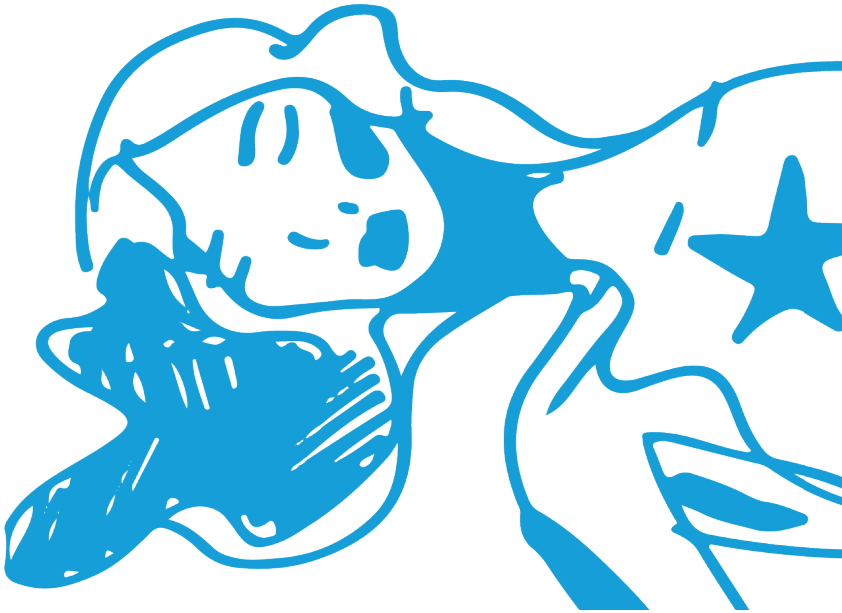
Caminho de pérolas

Margília, te redescobri tantas vezes desde ontem. Trago aqui, por ti, novo respeito. Ainda assim, chego atrevida. Ganhei um tempo agora pra conversar contigo. Quase fugi noite adentro, né? Te levaria comigo de qualquer maneira, você sabe.

Em dado momento te entendi. Lembra quando a gente se perguntou se tinha sereia em rio? E você já guardava dentro de si todas as águas barrosas de todos os rios. Você já sabia, pois você já era a resposta. Mas te percebo querendo se molhar de outras formas.

Todo o seu barro, seus córregos e fozes te nascem profunda. Essa parte você mergulha só, e não precisa. Mas pode. E vejo você se lançando nas águas salgadas a me convidar. Nessas te percebo querendo ser concha, deixando-

se levar pelas ondas até a beira, virando areia. É bonito.
Você se descobrindo canção do sal, é bonito. Sim. Vim pra gente se deixar ser azul e verde claro. Vamos ser horizonte pra lua nascer e se pôr. Vamos ser movimentos, marés, profundezas desconhecidas. Vamos ser lar de gigantes marinhos. Você aprendeu como me maremota, eu vou te ensinar como, em sapiência de boca, ser entre rio e mar.



Cada palavra que eu solto tem instinto, saltam na intenção de te molhar. Seria eu boba de acreditar nessas águas? Nesse navegar? Margília, se tu que é a sereia como é que sou eu a te seduzir? Você e essa sua mania de encantar calada, por isso que ao te ver transbordar, não resisti.

4 DE ABRIL

Margília, você viu o que aconteceu? Te teoretizei, te afastei de mim. Te coloquei em lugar impossível, eu tive medo, eu tive medo. É que eu sei que tenho que te atravessar. E minhas mãos ficam quentes, laranja, em brasas. Porque preciso te atravessar. Não porque tenha margem do outro lado (és demasiada oceânica para minhas capacidades humanas) mas porque esse atravessar… essa travessia é o que me persistirá como brasa viva.

É preciso ter coração em chamas para flutuar em paz nas ondas do mar. É preciso manter a brasa incandescente, meteórica, estelar. Já dizia tio Jorge, É preciso ter uma estrela no lugar do coração.

Do brilho das tuas conchas, do cintilar dos teus peixes se faz brasa estelar. Você me põe magia na corrente sanguínea. Assim. Eu não sei mais

como te escrever. Sou envolta de tudo ao meu redor e ainda assim me afogo a todo o tempo em ti.

Gomas de eucalipto, 50 centavos.

Você me pesca ainda mais a atenção. Me despedaça no meio do ônibus da w3. Como faz ?

13 DE ABRIL

Levando os caldo de amor

Mulher,
Foi tu que sumiu ou fui eu? Talvez estivesse te dando o espaço-tempo do amor paciente. Esse espaço multidimensional para que você seja apaixonada. É saudável, é bonito. Mas aí vou ter de voltar, talvez te puxando de leve os cabelos. É que tu se esqueceu de eu e tu em paixão.

Eu não esqueci, nem posso, nem quero. Mas você é menina solta demais, foi se prosear de amor por aí e flutuou tanto, saiu pelo hiperespaço...E parece que não tinha música pra te trazer de volta. Não tinha desenho que te ilustrasse o agora. Não tinha poema que não saísse de tu em ondas de distração.

Eu escrevo, então, quão bela és apaixonada. Quem sabe assim você não lembra de como tens de voltar a ter

corações nos olhos de dentro.
Você sai de bicicleta, sorri para todos os carros que te trazem a memória. Carro que vira haikai, meio de transporte eficiente para risinhos internos. Haikai amoroso pra te parar pra catar amora. Mãos sujas de vermelho amora pra te sujar de vida.

Você canta as músicas que te trazem a memória. Acompanhada de sorrisos, existe esse ar bobo apaixonado que te escapa pelos cantos da boca.

Você penteia seu cabelo distraída. Mal consegue escutar os professores, mal consegue ler os livros, mal consegue assistir os vídeos e se escreve, quando escreve, te escapam os poemas furtivos da entrega.

E você finge naturalidade. E ri. E se agonia também. Sereia, tu te entregas, deveras. Que coragem de se jogar em meio ao mar aberto. Mesmo metade peixe tem a outra metade ainda capaz de levar um caldo, ein… Mas parece que mesmo com os caldos tu gosta mesmo é do ensopado de amor. Sinfonia marítima amorosa.

Que confusão, eu no meio. Margília, tu apaixonada é demais, mas se esquece de mim-tu não, que só assim pra essa outra paixão fazer ainda mais sentido.

11 DE MAIO

Tanta volta

Volto como quem volta pra tomar um café. Volto pra prosear contigo. Volto em outras cidades, volto em outros tempos, outros pensamentos, outros corpos mas volto. Volto pra te ver. Não é assim tão fácil distrair-me de ti (embora eu tente, ai.). E volto assim, com uma xícara e uma flor laranja na mão.

Soube que você tava fazendo uns quitutes de melaço e coco, queria companhia pro meu café.

Sim, a verdade é que não sei bem como só voltar assim. Quis te ter tanto nesse meio tempo. Quis ter tuas coxas, tua pele, teu cheiro. Mas a gente não sabe o que nos acometia. Que você se distraía e eu só podia escolher buscar me distrair também. Eu fui procurar outras pessoas, falar das pedras. Eu fui buscar entender tuas distrações.

Não nos adiantou. Você se distraía com as peles alheias. Se distraía nos cheiros que ficavam em teu cobertor. Te vi passar o verso para frente, já colorido de memória de gente que tu gosta. E te vi. Te vi apaixonada com os passarinhos. Te vi apaixonada em tua bicicleta, cantando para as nuvens. Te vi passar um café rindo sozinha. Vi seus olhos se distraindo em meio às frases dos livros. Te vi tão linda chorando, perdida entre teus sentires.

Agora te clamo de volta. Eu voltei. Você volta? Pode vir apaixonada se precisar. Pode vir distraída se for. Pode vir sirilampa perdida. Pode vir pulando teus sentimentos. Pode vir exalando suas sensações. Pode vir emaranhada de versos profundos. Pode vir brigando com seu poeta amoroso predileto. Mas vem inteira. Vem com teu corpo. Vem com tua presença inteira. Vem nessa completeza de espírito e cores que és.

Vem consciência atenta que contempla.
E venha esse seu gesto inquieto de amor
que tu chamas de movimento.

Bora movimentar esse amor.

17 DE JULHO

Confesse

Sereia,
se entregue;
me fale de seu rabo de peixe na boca da noite
me intere:
Como se nada em nossa cama?
manere
nesses seus mistérios noturnos
me integre
a esse teu azul profundo
me espere
ali do teu lado, algodão
e me confesse
como algo do ar:
como que se nada em nossa cama?
como sermos águas ?
me desespere, eu peço
mas você só me responde:
~desacelere~
que eu nado como o nada nada
e se esbarra no mar de nossa pele
Espuma de onda cor de prata

se descama em meio a ousadia
não te intero, nem confesso
mas sinto poder ser a teu lado, algodão
plena sereia vadia

17 DE SETEMBRO

A FEBRE DO SENTIR

Vai, te escreve para sarar.

Faz mal não, a gente sabe dar a volta no oroboros, voltar onde começa, onde termina. A gente não começa, continua, persistência parece. Nenhuma culpa.

A gente se perde em si, verdade, que margília, me aparecestes num domingo desses, me sorristes me arrepiando a nuca, sussurrantes as verdades que passastes pro meu olhar. E como a mão que adormece no fim do carinho, fostes embora. E fiquei eu, em meio aos nossos dias, sem saber me encontrar. Ou vendo o caminho, um desses becos da cidade, e não sabendo como andar em sua direção.

E aí é coisa de melancolia, sereia. Se te vejo, te desejo e não te toco. É coisa de melancolia, sereia, seria eu tão imprópria

a ponto de não conseguir me aproximar? Que fluxo denso é esse dentro de nós? A viscosidade do estar dentro aqui veio me perturbar. Que desespero pareceu. Pareceu, mas já vai passar.

Que a gente se prometeu caminho de pérolas, então é por aí mesmo que a gente segue, desde que um pé vá na frente do outro, então, o caminho se dá.

Ô, coisa pequena. Fiquei com a impressão sórdida no final que estavas a rir de mim. É assim? Tenho eu outra escolha se não rir contigo? Sorrir contigo? Dormir contigo? Afe, Margília, desgraça minha, sua, deixa desse doce, vem cá.

26 DE NOVEMBRO

Te descobrir

Dezembro se aproxima. Assim que me sinto querendo perdurar com você nesse fim de ciclo. A gente sempre se acompanha. A gente sempre se descobre. Nem sempre a gente vem aqui tentar dar palavras. Vim aqui hoje tentar nos dar palavras.

Novas palavras para honrar a presença tua, Margília. Novas palavras para temperar todas essas mudanças. Expressar também aqui a vontade de permanecer ao teu lado, aprender contigo. Me sinto mais íntima. Me sinto nos entendendo mais.

Pois que esse nosso lado também é mistério (o que me encanta) e assim sempre o será — nossa relação compartilha qualidades de vida, então, o mistério, tal qual na vida, permanecerá. Mas vários outros lados nossos se

desenrolam por aí, em fitas, palavras, flores, emails, linhas, costuras, amores, lágrimas. Coisa linda nossos lados. Coisa linda onde a gente se esbarra. Gosto.

Te gosto, sereia.

Com seu cheiro azul e seu gosto de chá de jasmim te permito. Te permito me arrastar mar adentro. Te permito que me afogues em ti mesma. Te permito mais um pouco mais ainda. Te permito.

Perdoa as eventuais incoerências. Sinto que aprendo cada vez mais a modular nossa alma pra jornada.

25 DE JUNHO

Oi, Margília

Te convido. Relembrei de você em mim. Te senti mar em mim ontem mesmo. Me veio em ondas, como você gosta. Me veio azul e verde, como você é.

Que bom que você ondeia meus músculos. Que bom como você me lembra de ser o que somos. Margília, sereia, no quê nos tornamos? Eu e tu, maré constante, em constante aprendizado.

Margília, vou tentar te explicar minha ausência. Estive aprendendo em pares, estive aprendendo em rios — todos os rios e mares já se foram uns aos outros em algum momento, verdade?

Os rios…ai, os rios…Os rios me ensinaram a ser cores. O rio me flui os movimentos coloridos que me despertam. No rio aprendi a ficar

sentada e contemplar as águas que correm, correm...escorrem.

Margília, os rios que fui não eram azuis como tu, mas eles me contavam de águas suas. E lembra daquele papo? Como eu era curiosa com as sereias dos rios? É bom descobrir sobre as coisas assim.

Margília, te senti na areia da praia. Te senti na chuva fina das montanhas. Eu soube de ti nas areias lunares dos vales que visitei. A;go sempre me preenche de você se sigo minha intuição.

Eu te vi entre cactos e coqueiros. Nuns verdes improváveis e deliciosos.

(É segredo nosso — que te compartilho com alguém)

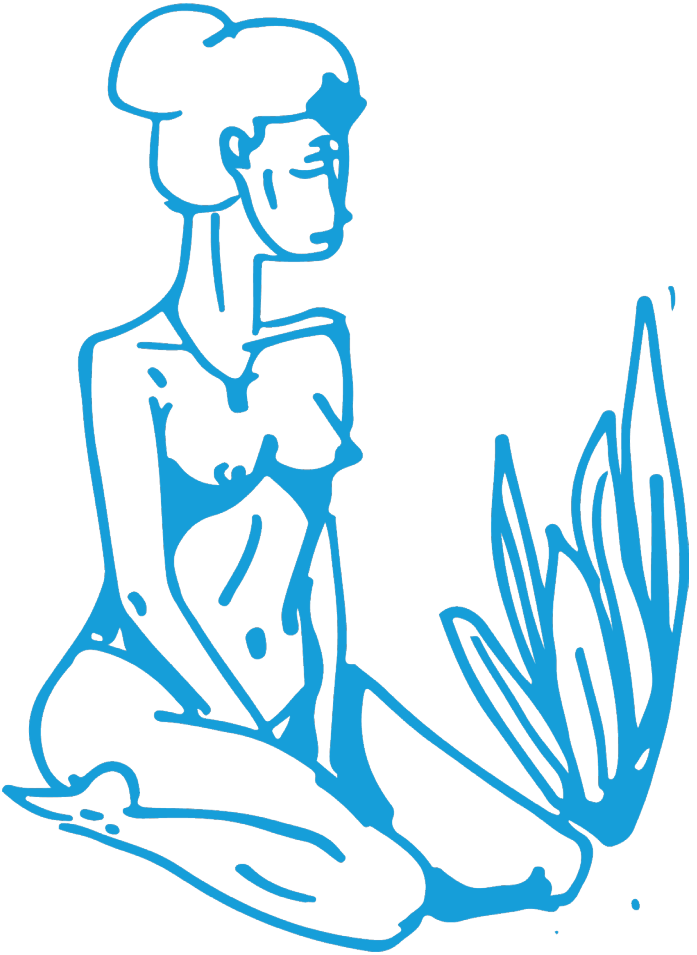
Eu te vi a lua nascer, saindo de si mesma, subindo pelos mares

eu te amei tudo isso

como ainda amo, como amo cada vez mais. Benditas cartas de amor, não ria assim, deixa que eu seja piegas com você. Afinal, sereia, que eu bem me lembre, entre todas essas águas maravilhosas que se continuavam também teve solidão

e teve um azul profundo. E um branco cinzento de quase neve. É, eu também me retirei ali, habitei um pouco embaixo. Para aprender sobre coisas, você esteve lá, aprendi sobre mim.

E aí, agora eu aqui de novo, te suspirando cheiros e rosas, te amando sempre em mim azulada, impossível de estar parada, você me flui, pérola d'água. Eu te sou magias e a gente é assim: marginais, palavras. Sereias de encanto excepcional, como um só mar e oceano, sinto sermos todas as águas do mundo.



Texto e Ilustrações: Emily Bandeira
Edição gráfica: Anaeli Xavier